Sofia Escária

Se há uma mente inquieta, é esta. Com apenas 26 anos, é deputada na Assembleia Municipal de Lisboa, nunca esteve parada e tem no combate às desigualdades a sua bandeira.

"Acredito que qualquer um de nós pode mudar o mundo e não tem de ser um grande ativista: pode fazê-lo de formas tão simples como sorrindo a quem encontramos, dar um olhar, uma palavra simpática. Toda a minha formação começou na minha família e nos colégios onde andei, que sempre passaram esta ideia de sermos úteis e atentos. Sempre soube que era privilegiada, o que é uma coisa má: todos deviamos ter os mesmos direitos. Isso é aquilo em que eu mais acredito e para que trabalho: fazer com que, cada vez mais, quem não tenha as mesmas condições que eu possa ter voz. Estudei Economia, fiz mestrado em Direito Fiscal e Direito da Igualdade, e depois achei que me faltava formação de base e fiz uma licenciatura em Direito. Estive na associação de estudantes do ISEG, fiz parte da AIESEC, a maior organização internacional de jovens, e agora sou deputada independente à Assembleia Municipal de Lisboa.

O meu objetivo é mostrar como é que os jovens veem a cidade. Sempre vivi em Lisboa e adoro-a, mas sei que há muito a fazer. Estamos no Ano Europeu da Juventude mas muito pouco está a ser dito ou feito sobre o tema. Diz-se que os jovens são o futuro mas acredito que somos o presente, porque é agora que as coisas têm de ser mudadas. E há jovens e crianças com ideias revolucionárias, têm é de ser ouvidos.

Não acho que os jovens são desinteressados da política: acho é que não se reveem nos moldes atuais de fazer política. Aliás, praticamente todos os jovens que eu conheço são ativos em qualquer organização. Mas a questão é que muito mais depressa se mobilizam por uma causa do que por um partido. Claro que tudo o que fazemos é política, mas as pessoas tendem a conotar pejorativamente a política. E também existem muitos preconceitos e estigmas de ambas as partes.

> "Diz-se muito que os jovens são o futuro mas acredito que somos o presente, porque é agora que as coisas têm de ser mudadas."
> SOFIA ESCÁRIA

O que eu acho mais urgente mudar? Erradicar a pobreza. Não podemos perder de vista o que é essencial. Continuamos a achar que é normal ver pessoas em situação de sem abrigo, por exemplo. Estamos a atravessar uma situação particularmente vulnerável de conflito armado no nosso continente e esquecemo-nos de que isso já acontece em África, no Médio Oriente, e em locais onde, através do consumo, por exemplo, contribuímos para isso.

O que mais me indigna é a desigualdade e a discriminação. Vivemos há pouco o dia internacional contra a homofobia, mas depois continuamos a ter problemas com a intolerância. E é aí que eu acho que é mais urgente a luta dos jovens (e de todos nós). Outra questão que me é muito querida são os direitos das mulheres. Por exemplo, fui a primeira mulher presidente da associação de estudantes no ISEG. As mulheres integravam as associações mas nunca eram presidentes e isso é o espelho de Portugal. Já há mais mulheres em todas as áreas, e ainda bem, mas ainda não chegam aos cargos de topo.

A igualdade salarial entre géneros está na lei. Mas depois há horas extra, prémios de mérito, bónus, e tudo isso é diferente para as mulheres, porque maioritariamente têm muito mais responsabilidades domésticas. Direitos iguais não significa contextos iguais. E isto aplica-se a outras questões. Por exemplo: todas as crianças têm o direito de ir à escola. Mas nem todas as crianças têm uma vida igual. É lógico que uma criança de uma família num contexto mais adverso terá mais dificuldade em estudar. Portanto, não chega dizer 'todos devem ter os mesmos direitos'. Temos de subir ao patamar seguinte e incluir na busca de igualdade as especificidades de cada um. Devemos ter igual capacidade de efetivar um direito."